



PRÁTICAS DE LEITURAS LITERÁRIAS NO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS DO IFAL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA UAB

Edilene Silva de Lima¹
Nathália Carvalho Tavares²
Odair José Silva dos Santos³

INTRODUÇÃO

Uma das constantes contemporâneas em relação à leitura têm sido a propagação das inúmeras pesquisas e discussões no âmbito tanto da prática quanto da habilidade do domínio da leitura do profissional docente, esteja esse já em exercício da profissão ou ainda sob regime de processo formativo.

Nessa direção, e pensando sobretudo nesse segundo grupo de sujeitos, buscamos problematizar nesta pesquisa uma discussão no tocante à aproximação com a obra literária por estudantes do Curso de Licenciatura em Letras Português da modalidade de educação de ensino a distância que integra a UAB do Instituto Federal de Alagoas - Ifal, *Campus* Palmeira dos Índios, que a princípio restringe-se às disciplinas do currículo ligadas à Literatura, a saber: Teoria da Literatura I e II, Literatura de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira I, II, III e IV, e Literatura e Estudos Culturais (ambas com o direcionamento voltados ao estudo da teoria e movimentos literários) (IFAL, 2020).

Essas disciplinas, quase sempre subjacentes ao aprofundamento do estudo da crítica e da história da literatura, para os quais se norteiam somente a relação da visão dos estudiosos literários à obra em seus aspectos formais, mas não como elemento para conhecimento estético formativo incluso ao saber docente que o professor precisa adquirir. Outrossim, raras foram as vezes em que fizemos a leitura de um livro, obra, clássico literário cursando tais disciplinas.

Nota-se, assim, que para além das 3.325 horas que totalizam a carga horária presente no currículo do curso, à prática de leituras literárias torna-se um fator de íntima, particular e de inteira autonomia dos licenciandos, que necessitam ter a autorresponsabilidade de inseri-las regularmente em suas rotinas de vidas (IFAL, 2020). É dentro desse contexto que se debate neste trabalho acerca de como a apropriação dessa prática leitora ligada ao perfil dos

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Português do Instituto Federal de Alagoas – AL, esls2@aluno.ifal.edu.br;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Português do Instituto Federal de Alagoas – AL, nct1@aluno.ifal.edu.br;

³ Doutor em Letras, professor do Instituto Federal de Alagoas – AL, odair.santos@ifal.edu.br;

futuros professores de Língua Portuguesa, logo também de Literatura, promove estes sujeitos a se tornarem crítico-reflexivos e serem aptos as incumbências que lhe caberão na sociedade, principalmente àquela destinada a serem capazes de formarem outros e novos leitores, os alunos (IFAL, 2020).

Para tecer as considerações que criaram este enredo, utilizamo-nos de uma pesquisa de cunho bibliográfico que se debruçou, entre outros estudiosos que contemplam as manifestações da linguagem, nos pressupostos teóricos de Calvino (1993), Cosson (2009), Lajolo e Zilberman (2019), Martins (2007) e Silva (1983), nomes que assinalam e configuram dentro do rol dos estudos sobre o papel da leitura e da literatura, sua importância e relação com a educação em nosso país.

Pensando então à maneira em como nos chegou o contato com a obra literária dentro do percurso de nossa formação docente é que nos suscitou a inquietação da reflexão acerca de se de fato sairíamos com uma bagagem de leitura satisfatória, tratando-se da leitura de obras clássicas principalmente, de modo que objetivamos com tais argumentos atentar para que haja um olhar mais cirúrgico ao próprio programa do curso da modalidade em questão, quanto a ações de incentivo à leitura literária como a inserção à própria grade curricular, à promoção de projetos de acesso à leituras, enfim, de intervenções que propicie a vivência ao longo do processo educativo dos graduandos para a experiência e fruição estética da prática de leituras do texto literário.

Tomando como premissa que pensar o desenvolvimento do letramento literário também no âmbito universitário é uma tarefa crucial que demonstra o comprometimento do órgão institucional à formação plena desses sujeitos em formação inicial, consideramos que embora por razões específicas que remetem desde ao público que abrange a modalidade de ensino ead até a própria flexibilização curricular para atender a este, frente as nuances que demandam da modernidade imersa à era digital e informativa, que acaba por muitas vezes, entre outros fatores, afastando-nos do deleite e do aprofundamento da leitura por prazer, sinaliza-se que, no que compete ao perfil desse egresso enquanto sujeito capaz de pensar e agir sobre a sua própria realidade, o programa do Curso de Letras deixa muito a desejar no que concerne ao instigar à prática da leitura literária enquanto um dos conhecimentos da construção para a abstração do saber docente (IFAL, 2020).

Observando-se isso, avaliamos, portanto, dentro do que nos permitiu pensar nesta pesquisa uma necessidade emergente de uma percepção autônoma discente em relação à carência de ampliar o nosso repertório de leituras literárias em prol de nos aprimorarmos e assim contribuir para que a nossa formação seja efetiva, já que sozinha a instituição demonstra não alcançar tal proposta.

REFERENCIAL TEÓRICO

Visando à relevância da literatura, portanto da importância do ato de ler o texto literário, sobretudo na busca da construção de uma identificação que é concomitantemente individual e coletiva, sendo esta uma das funções da linguagem literária em sua relação com as sociedades, entende-se que este processo só é possível quando passamos a conhecer a tradição literária construída historicamente em nosso próprio território, como aponta Eco (2003, p. 10) ao dizer que a “literatura mantém em exercício, antes de tudo, a língua como patrimônio coletivo”, bem como o que sugeriu Calvino (1993, p. 16) ao citar que “os clássicos servem para entender quem somos”.

Diante desses argumentos e fazendo um panorama acerca da realidade da leitura que abarca o povo brasileiro, não é corrente a ideia de que a nossa nação, em relação a outras potências mundiais, é constituída por um público que lê pouco ou que não ler, e que esse retrato provém de razões de caráter histórico e social, conforme direciona Silva (1983, p. 17) ao citar que “[...] a prática da leitura tem uma relação direta com as condições econômicas das famílias”.

Ademais, sabe-se que embora a leitura constitua-se enquanto prática social, seu ato consiste em uma tarefa extremamente complexa e que não se resume a simples decodificação dos signos linguísticos, porém que ao extrapolar as linhas dos textos exige, em sua relação, um envolvimento e postura do leitor, que assume um papel crucial dentro da trama para a caracterização da sua própria existência e interação com o mundo.

Tal complexidade acerca do ato de ler é ainda mais efetiva quando estamos diante do texto literário, dado o seu caráter plurissignificativo, como lembra as palavras de Eco “as obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e da linguagem e da vida” (Eco, 2003, p. 12).

Um outro ponto que pode ser analisado em detrimento das relações entre leitura, leitura literária e a formação docente e o seu conhecimento, é o de que enquanto mediador e intermediário entre o livro, entre a obra literária e o aluno, antes, este discente necessariamente precisa ser um leitor, de preferência assíduo, das obras que formaram a identidade da sociedade brasileira, e não só essas. Por esse viés, cabe refletir então: será que os discentes em formação inicial têm tido essa preocupação que influenciará diretamente na sua praxi docente?

Contribuindo com essa indagação, na tentativa de elaborar uma teoria que dialogasse diretamente com esse processo de recepção do texto literário e seu leitor, Cosson (2009, p. 34)

nos esclarece que “[...] não se pode pensar em letramento literário abandonando-se o cânone, pois este traz preconceitos sim, mas também guarda parte de nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la”.

Por comungarmos dessa percepção é que reafirmamos e defendemos em nossa escrita ser a obra literária um instrumento essencial de conhecimento para o professor, que pré-existe a um tempo em que a formação da leitura no Brasil ainda é vista como ineficiente. Nesse sentido, complementando essa fala, Lajolo e Zilberman (2019), em outras palavras vêm atentar para o fato de o brasileiro ainda ser um leitor em formação, logo, um leitor aprendiz, frágil e despreparado.

Cabe ressaltar aqui que embora o processo de alfabetização a qual somos submetidos enquanto indivíduos ao longo de nossa trajetória escolar, que a duras penas, quando por opção, nos leva à nível universitário colocando-nos na condição de formar-nos enquanto professores, embora a leitura esteja sempre presente, ainda assim, a criticidade, que é por natureza intrínseca ao veículo literário, nem sempre nos alcança dentro desse processo formativo. Vale aqui refletir então, acerca do que nos configura Silva (1983), quando diz que o “professor brasileiro, dado a sua condição de oprimido, também é um carente da leitura” (p.18).

É observando este cenário, portanto, que pensar as condições para o desenvolvimento eficaz da leitura dentro da formação do profissional das Letras com habilitação subsequente a ministração das aulas de língua portuguesa e literatura é que mostrou-se-nos crucial pensar sobre a nossa própria prática e em como transformar esse contexto em algo produtivo. Logo, sendo inerente ao professor o domínio de uma formação cultural ampla e que em particular parte dessa formação passa pela leitura e conhecimento dos clássicos literários, percebe-se que o ato de ler constata um desafio ainda maior.

Para Martins (2007), ao evidenciar alguns aspectos sobre o que é leitura, reforça que a aprendizagem dessa “significa uma conquista de autonomia que permite a ampliação dos horizontes, implicando igualmente um comprometimento”. E é sobre esse comprometimento pessoal na busca de uma autonomia da liberdade de expressão e aptidão intelectual em prol de contribuir na formação de alunos leitores na educação básica, que direcionamos a nossa pesquisa a questionar o caráter leitor dos discentes em formação do Curso de Letras Português da UAB Ifal, pois o ato de ler exige deste, para além da autonomia que já caracteriza o seu perfil enquanto estudante, um engajamento e entrega ainda maior.

Entendendo assim a prática da leitura literária paralela e constante à formação inicial docente durante os quatro anos que confere a passagem do graduando pela instituição de

ensino superior, ao passo que proporciona uma experiência individual alinhada a percepção da leitura que esse sujeito faz do mundo em que vive, significando a sua própria existência é que, enveredamos o nosso raciocínio para o que nos revela Nascimento e Santos (2019) em relação a visão que tem desse professor na relação com a literatura. Para os autores, “[...] o professor de Língua Portuguesa, com a prática da leitura a partir de textos literários, precisa atuar de tal modo que consiga romper com a imagem da leitura literária como uma atividade dispensável”. (Nascimento; Santos, 2019, p. 287).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando o domínio da habilidade efetiva da leitura literária atrelada à formação inicial dos professores de língua portuguesa, bem como a sua posterior prática docente num cenário contemporâneo onde mesmo as universidades e demais instituições de ensino superiores apresentam-se em uma situação ainda negativa em relação a importância do ato de ler, e junto a isso o próprio ritmo da vida moderna que parece estar em contradição com o hábito da leitura da obra literária é que se buscou nesse trabalho enfatizar qual o papel desse sujeito em formação no que concerne a sua autonomia leitora.

Possibilitou-se, assim, por em evidência além de um panorama que explicitando as razões pelas quais se consideram as deficiências tanto dos professores atuais, quanto dos próprios programas de formação docente, atentar para um público específico: os discentes do Curso de graduação do Curso de Letras Português ead do Ifal, *Campus* Palmeira dos Índios.

As discussões contribuíram para esclarecer, ampliar e alertar o nosso olhar sobre as inconsistências e deficiências presentes também na modalidade de educação a distância para formação de professores de língua portuguesa, conjugando àquelas diretamente ligadas a ausência da prática de leituras literárias, as quais consideramos constituir índice insatisfatório exigindo dos graduandos compromisso ainda maior para com o processo de construção do seu conhecimento docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser conhecedor do capital cultural, da tradição literária deixada como legado aos sujeitos de uma nação é, sem dúvida, sinônimo de poder e transformação pessoal e profissional. A função da literatura é, assim, essencial a nossa própria identidade e o exercício da leitura da obra literária resulta na forma como pensamos a vida e o nosso lugar enquanto sujeitos no mundo.

Diante disso, visando a nossa posição enquanto futuras professoras de língua portuguesa e literatura, enaltecemos o lugar que deve ocupar a leitura da obra literária em nossas vidas, dentro e fora da universidade. Nossa intenção primeira foi destacar que esse ato é indispensável ao estudante em formação e que este deve ter autonomia sobre tal.



Também buscamos sinalizar para o fato da necessidade de se pensar em estratégias que possibilite ao estudante do Curso de Letras de modalidade a distância a possibilidade na implementação do currículo, ações que se voltem a um contato frequente entre esse leitor aprendiz e a obra literária que o faz leitor maduro. Diante da nossa experiência enquanto discentes EAD, sinalizamos também para uma necessidade mais precisa à formação leitora desses discentes que integra o ensino ead no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Sentimo-nos imensamente gratas ao Professor Dr. Odair José Silva dos Santos, por nos acompanhar nesse processo de produção de pesquisa acadêmica, por todas as orientações e prestatividade em sanar, sempre com muita atenção as nossas dúvidas de principiantes da arte de contribuir com a pesquisa em educação.

REFERÊNCIAS:

- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos** / Ítalo Calvino: tradução Nilson Moulin.- São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2 ed. – São Paulo: Contexto, 2009.
- ECO, Umberto. **Sobre a Literatura**/ Umberto Eco. – Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- IFAL. Projeto do Curso de Letras – UAB. Maceió: Ifal, 2020. Disponível em: https://www2.ifal.edu.br/campus/ead/ensino/cursos/superior/licenciatura-em-letras-portugues/PROJETOPEDEAGGICODECURSOLICENCIATURAEMLETRASPOTUGUS_DIREAD_UAB_2020.pdf
- LAJOLO, Marisa. **A Formação da Leitura no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- NASCIMENTO, S. S. ; SANTOS, O. J. S. Estudos de Gênero no Conto Tchou, de Lygia Bojunga: uma proposta para as aulas de língua portuguesa. **Revista Diversidade e Educação**, v. 7, n. 1, p. 285 – 302, Jan/Jun. 2019.
- ROSSI, M. A. L. ; PEREZ, S. M. Letramento Literário na Formação Inicial do Professor. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v. 33, n. 65, p. 99 – 113, 2015.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura & Realidade Brasileira**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.